

# LEITURA E ESCRITA ACADÊMICAS

Lia Emilia Cremonese



**sagah**  
SOLUÇÕES  
EDUCACIONAIS  
INTEGRADAS

# **Leitura inspecional e leitura averiguativa**

## **Objetivos de aprendizagem**

Ao final deste texto, você deve apresentar os seguintes aprendizados:

- Aplicar estratégias de leitura inspecional em textos científicos.
- Identificar técnicas de leitura averiguativa.
- Analisar um texto a partir da localização das ideias-chave de cada parágrafo e seção existente.

## **Introdução**

A leitura e a escrita têm papel crucial na sociedade. Quando se trata do universo acadêmico, esse papel se torna ainda mais relevante, uma vez que a academia é o espaço da escrita por excelência. A necessidade de dominar essas habilidades surge já no início dos cursos superiores e, com o passar do tempo, somente aumenta em volume e profundidade.

Neste capítulo, você vai ver como diferenciar o texto cotidiano do texto acadêmico, ligando este último ao desenvolvimento do senso crítico, tão necessário na academia. Também vai verificar que precisa dominar um tipo de leitura mais breve e ágil, cujo objetivo é avaliar a necessidade ou não de realizar um segundo nível de leitura, com maior detalhamento. Além disso, você vai se familiarizar com essa modalidade mais aprofundada de leitura, cujo objetivo é levá-lo a perceber diferentes nuances dos textos acadêmicos, bem como a desenvolver estratégias para compreender melhor os textos com os quais você tem contato no seu dia a dia.

## **A leitura inspecional nos textos científicos**

A escrita ocupa um lugar fundamental no mundo acadêmico. Desse modo, é importante saber o que diferencia os textos que circulam no meio universitário dos demais. Todos os textos têm em comum um aspecto: a relação com seu

contexto. Isso remete ao que os compõe, isto é, quem os escreve, sobre o que eles tratam, para quem são escritos, em que momento e em que espaço. Contudo, o que significa esse contexto na prática?

## Os textos acadêmicos

Todo texto pertence a um gênero. Contudo, para distinguir os gêneros, você precisa entender a diferença entre um tipo textual e um gênero textual. Como aponta Marcuschi (2003), um **tipo** é um construto teórico com determinadas características linguísticas, isto é, uma construção que tem uma forma específica de escrita. Os tipos são bastante restritos, e suas características dizem respeito à escolha, por exemplo, do tipo de léxico (vocabulário), da organização sintática, dos tempos verbais e das relações lógicas estabelecidas (como as informações se ligam conceitualmenteumas às outras). Os principais tipos de texto são o descritivo, o narrativo e o argumentativo.

Os tipos, como você vê, são abstratos. Eles somente se tornam concretos nos **gêneros**, combinações específicas de tipos. Os gêneros são incontáveis por definição, uma vez que inúmeras são as formas de arranjos dos tipos, em razão dos diferentes objetivos, autores, públicos e situações. Os gêneros, portanto, diferem devido aos contextos, que dependem das condições de produção dos textos. Por exemplo: uma bula de remédio é um gênero composto fundamentalmente por descrição (ingredientes) e narração (modo de usar), assinado por uma indústria farmacêutica e direcionado ao paciente.



### Fique atento

Veja o que afirma Marcuschi (2003, p. 19): “[...] gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. O autor destaca que a forma linguística pura e simples não determina um gênero. Contudo, os aspectos sociais e culturais fazem com que os textos pertencentes a dado gênero tenham uma forma predeterminada. É desse modo que se podem identificar suas características.

Os gêneros não acadêmicos existem, evidentemente, em um número muito maior. Como exemplos de gêneros escritos, considere: bilhete, carta, mensagem eletrônica, conversa de *chat*, postagem em *blog*, receita, cardápio, piada,

editorial, instruções de uso de produtos, lista de compras, romance, conto, poema, notícia. Enfim, você pode considerar qualquer texto que esteja presente no seu cotidiano.

O que interessa verdadeiramente aqui, no entanto, são os gêneros acadêmicos. Eles não existem em tão grande número quanto os textos cotidianos, mas são muitos. Os principais são: o resumo, a resenha, o relatório, o ensaio, o artigo, a monografia e a tese. “Quando dominamos um gênero textual”, afirma Marcuschi (2003, p. 29), “[...] não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. O que diferencia os textos acadêmicos e não acadêmicos, portanto, são as formas de usar os recursos linguísticos que decorrem das circunstâncias que caracterizam a universidade.

Resumidamente, os **textos acadêmicos** podem ser identificados por algumas características gerais. Em primeiro lugar, eles tratam de temas de interesse científico, ou seja, relacionados ao desenvolvimento de algum campo do conhecimento. Além disso, são fortemente marcados pela autoria, sempre identificada. Outro ponto relevante é o público-alvo. Os acadêmicos escrevem normalmente para seus pares, ou seja, para outros cientistas e acadêmicos. Os trabalhos monográficos da faculdade, por exemplo, são direcionados do aluno para o seu professor, embora às vezes também sejam compartilhados com os colegas. Os artigos são voltados a outros estudiosos da área e visam a expandir os conhecimentos desse domínio, ainda que posteriormente possam passar por um processo de divulgação científica por meio de publicações para leigos.

A escrita acadêmica deve ser sempre situada, o que se dá não apenas pela datação das publicações e dos trabalhos entregues, mas principalmente pela referenciação. Assim, qualquer texto acadêmico deve explicitar claramente seu ponto de partida, suas fontes e seu objetivo — comunicando se ele foi alcançado ou não. Por fim, e altamente relevante, é o modo de argumentação: a criticidade esperada nos textos acadêmicos é um dos tópicos mais importantes, pois esses textos objetivam exibir provas do que afirmam, mostrando a veracidade das informações. Portanto, trata-se de uma escrita rigidamente argumentada. Há necessidade de coerência tanto interna (raciocínios conexos e coerentes) quanto externa (com dados consistentes, justificativas plausíveis, avaliações sustentadas e explicações claras).

## A leitura inspecional

O que é ler? O que você faz quando lê? Leffa (1996, p. 10) afirma que a leitura é um processo de representação. Quando um sujeito lê, olha uma

coisa e vê outra, à medida que “[...] a leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade”, as letras e palavras. Você não lê letras e palavras, no entanto; isso seria apenas decodificar. Como destaca Solé (1998, p. 22), “[...] a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto”, o que implica não somente “[...] um leitor ativo que processa e examina o texto”, mas também “um objetivo para guiar a leitura”.

Dessa necessidade de um objetivo para a leitura, decorre, lembra Solé (1998), a interpretação que o leitor faz do texto. Assim, ainda que as palavras impressas não se alterem, diferentes objetivos fazem com que o leitor apreenda aspectos diversos de um mesmo texto. Isso não significa, evidentemente, que qualquer leitura seja possível. Há uma limitação determinada pelas escolhas de vocabulário, de organização textual e de argumentação feitas pelo autor na produção do texto. O objetivo do leitor é determinante, contudo, no que concerne aos elementos aos quais ele atentará na leitura. Dessa maneira, resume Solé (1998), o processo de leitura exige do leitor tanto o seu conhecimento de mundo (saber prévio e objetivos) quanto o seu conhecimento de texto (as palavras e como elas são utilizadas no escrito em questão).

Se é necessário, então, ter um objetivo para que uma leitura seja efetiva, tal objetivo determinará igualmente o modo de ler. A leitura inspecional, segundo Adler e Doren (2010), tem por objetivo, em um tempo limitado, descobrir do que trata o livro em questão. Os autores dividem a leitura inspecional em dois momentos: a pré-leitura e a leitura superficial. A **pré-leitura** é uma sondagem, cujo objetivo consiste em decidir, a partir da verificação de dados preliminares, se você vai ler ou não o livro. Assim, o leitor deve examinar, da obra, a folha de rosto, o prefácio, o sumário, o índice remissivo, a sobrecapa, a contracapa e os capítulos centrais da argumentação, além de folhear o livro, tendo uma ideia geral de seu conteúdo. A **leitura superficial** é feita também de modo rápido, mas na totalidade da obra, sem se deter em dados ou vocabulário desconhecidos, tendo uma noção do conteúdo e dos pontos em que haverá necessidade de maior dedicação quando ocorrer a leitura aprofundada.

Os autores, contudo, tratam de livros, e aqui interessa especialmente a leitura de artigos científicos. Desse modo, com base na ideia central de Adler e Doren (2010) adaptada para o contexto de leitura de artigos acadêmicos, você vai ver aqui os aspectos fundamentais que deve localizar nesse tipo

de texto para ter a noção inicial de seu conteúdo. O propósito de fazer uma leitura inspecional de um artigo científico é decidir se você o lerá ou não. Isso pode parecer irrelevante, mas, no decorrer do curso superior, haverá muitos momentos em que você precisará definir a bibliografia a ser utilizada em seus trabalhos acadêmicos em um grande universo de textos. Por isso, precisa saber discernir o que é necessário ou contraproducente ler para cumprir sua tarefa, devido à pouca disponibilidade de tempo.

Suponha que você precise definir quais artigos utilizará para fazer um trabalho para uma disciplina. Inicialmente, é preciso lembrar que a fonte de pesquisa não pode ser negligenciada. Como você já viu, os textos do gênero acadêmico apresentam características específicas e, portanto, você não pode pesquisar aleatoriamente. A biblioteca de sua faculdade é sempre um bom início, e o bibliotecário certamente poderá ajudá-lo nessa busca. Entretanto, na maioria dos casos, você precisará buscar sozinho pelo material de que necessita.

Uma plataforma que pode ser útil na sua pesquisa é o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Trata-se de uma biblioteca virtual que reúne a produção científica nacional e internacional. Outro *site* interessante é o da Scientific Electronic Library Online (SciELO), em que você encontra periódicos da América do Sul, da Europa e da África. A SciELO surgiu de um projeto da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e conta com o apoio de organizações como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Nesses *sites*, você pode pesquisar por assunto, autor, títulos, revistas. O resultado das buscas traz o título e um resumo. Se você clicar naqueles que lhe interessam, vai chegar nos *sites* das revistas acadêmicas dos respectivos textos, podendo baixá-los. Outra opção é ir diretamente aos *sites* de periódicos acadêmicos específicos — no caso de você saber que, em dado campo do conhecimento, determinado periódico é especialmente relevante.

Depois de encontrar os artigos, você precisa definir quais deles vai utilizar. É nesse momento que entram as informações fundamentais que você deve encontrar. Como você já viu, trata-se de uma busca que visa a ser ágil e breve, de modo que você deve saber o que procurar sem precisar ler o artigo inteiro. Inicialmente, o periódico em que o artigo está publicado deve ser observado; pesquisando no *site* da revista, você consegue verificar o escopo de suas publicações. O título e as palavras-chave devem aproximar-se ao máximo do

contexto de sua investigação. Quanto maior a proximidade com as palavras exatas de seu tema de interesse, maior a chance de você encontrar rapidamente textos que irão ajudá-lo em seu trabalho. No tocante à autoria, professores e cientistas renomados e seus pares (participantes de seus grupos de pesquisa, orientandos) são sempre mais confiáveis, o que não impede que você encontre bons textos de pesquisadores menos conhecidos.



### Fique atento

Há alguns periódicos que apresentam apenas o resumo em língua estrangeira. Por isso, você deve estar preparado para lidar com essa situação. Caso você não domine o idioma utilizado, a solução é buscar os dados que você normalmente procuraria no resumo na introdução do artigo. Frequentemente, inclusive, nesses casos, o autor utiliza a versão em português do seu próprio resumo para iniciar a introdução, facilitando a verificação pelo leitor.

As instituições são outro elemento que se sobressai quando se verifica a autoria, revelando o papel social dos pesquisadores. Aqui vale lembrar: seja preciso e pontual ao fazer sua busca inicial; esse já é um ótimo começo. Em seguida, você analisará o resumo, que deve apresentar a totalidade do estudo em questão. Assim, deve ter o ponto de partida da pesquisa, o que localizará o seu campo do saber e a sua área específica. Também devem constar no resumo o(s) objetivo(s), além da metodologia empregada no estudo. A data de publicação é relevante: de modo geral, quanto mais recente for o trabalho, mais atual. Esse, contudo, é um critério que deve ser relevado quando se trata de trabalhos muito significativos teoricamente ou de autores renomados da área. Há, por fim, o que concerne à bibliografia, a partir da qual você afunila ainda mais o tema abordado, uma vez que o referencial teórico delimita as subáreas acadêmicas, com o que você vai se familiarizando com o passar do tempo e das pesquisas que realiza. Esse item não é obrigatório caso o referencial teórico já esteja discriminado no resumo.



## Link

Além dos sites citados — SciELO e Portal de Periódicos da Capes —, há outras plataformas confiáveis em que você consegue pesquisar referências para seus trabalhos. Veja a seguir.

- A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações reúne os sistemas de informação de teses e dissertações das instituições de ensino e de pesquisa do Brasil:

<https://qrgo.page.link/i7SMS5>.

- No Portal de Busca Integrada, você encontra toda a pesquisa da Universidade de São Paulo (USP):

<https://qrgo.page.link/CgxQm>.

- O science.gov foi criado pelo governo dos Estados Unidos para reunir os dados de pesquisa de suas universidades:

<https://qrgo.page.link/Aumgq>.

- De propriedade da Elsevier (empresa privada de informações analíticas de nível global), o Scopus traz resumos e citações de artigos de periódicos acadêmicos, enquanto o Science Direct é voltado à área da saúde. Acesse os links das respectivas plataformas.

<https://qrgo.page.link/PumuN>

<https://qrgo.page.link/ykUG6>

## Estratégias de leitura averiguativa

Grande parte do sucesso na leitura, como você já sabe, deve-se à definição adequada dos objetivos do leitor. Assim, se o objetivo da leitura inspecional é traçar rapidamente um panorama conciso do que trata um texto, na leitura averiguativa, é preciso ir além. Nesse caso, você deve identificar estratégias adequadas e eficientes para localizar as ideias centrais de um texto e seus desdobramentos argumentativos, compreendendo-o em maior profundidade. Trata-se de estipular uma forma sistemática de interpretar os textos com que você se depara, de modo a aprender por meio da leitura, de modo efetivo. Afinal, ainda que um texto dê margem a diferentes leituras, ele não pode ser lido de todas as maneiras. Há uma limitação estabelecida no momento da escrita.

Segundo Solé (1998), a compreensão do que se lê pode ser pautada em um conjunto de questionamentos específicos ao leitor, que estão ligados a estratégias adotadas por ele no percurso da leitura. O primeiro, que você já viu, diz respeito à identificação dos objetivos de leitura e dos conhecimentos prévios relevantes para

a compreensão do texto. Não há como entender um texto de forma descontextualizada. Se não há um motivo para ler, não há como direcionar e, assim, processar adequadamente o que se lê. Consequentemente, a leitura não será proveitosa, além de haver grandes chances de o leitor criar inclusive barreiras para leituras futuras daquele texto ou autor específico. Da mesma forma, o processamento adequado da leitura não é possível se você não tiver um conhecimento que lhe permita avançar no entendimento do texto. Por exemplo: o texto acadêmico tem uma forma específica, assim como um conto literário; por isso, para interagir de forma plena com cada gênero ou perceber características de um gênero novo, é necessário certo conhecimento de mundo. Igualmente, não há como alguém querer ler um tratado sobre física quântica quando sequer entende a física básica, ou ler um artigo de um campo cujos termos não domina.

O segundo aspecto citado por Solé (1998) está relacionado às formas utilizadas pelo leitor para resolver eventuais problemas de compreensão ao longo da leitura e para realizar inferências. Quando você lê, muitas vezes se depara com palavras ou mesmo trechos que não comprehende. Nesses momentos, precisa decidir se vai interromper a leitura ou desenvolver alguma forma de estabelecer um sentido para ela. Se você está lendo por prazer e encontra muitas lacunas, a reação pode ser simplesmente abandonar a leitura e procurar outro texto mais de acordo com o seu conhecimento de mundo, e isso não tem grandes consequências (a obra pode inclusive ser eventualmente retomada em outro momento em que você esteja mais familiarizado com o contexto dela ou com o seu vocabulário e a sua forma de organização). Quando se fala da academia, contudo, o que normalmente acontece é que a leitura não pode ser abandonada, pois faz parte de alguma tarefa, e o leitor precisa dar conta daquele texto. Assim, é necessário o estabelecimento de táticas para superar as dificuldades.



### Saiba mais

A própria capacidade de perceber lacunas em um texto é desenvolvida aos poucos, pois leitores inexperientes muitas vezes sequer conseguem notá-las. Enquanto isso, leitores experientes não apenas se dão conta do que ocorre como sabem o que fazer para resolver o problema. Uma forma de solucionar o impasse é parar a leitura e buscar outra informação que a complemente. Um exemplo é quando há uma palavra no texto cujo significado você desconhece. A forma de resolver isso é procurando o termo no dicionário. Também é possível, nesse caso, meramente "ignorar" temporariamente a palavra, esperando que ela não seja significativa para o entendimento do todo, ou mesmo que se consiga depreender seu sentido por meio do contexto.

Kintsch e Rawson (2013) afirmam que praticamente nenhum texto é totalmente explícito. Portanto, o leitor sempre precisa “completar” o seu sentido, preenchendo lacunas. Estas podem tanto ser locais — como em “Mariana colheu uma flor. Uma das pétalas caiu”, em que é preciso entender que a pétala que caiu pertencia à flor que Mariana colheu — quanto globais — por exemplo, quando um conto não explica claramente seu tema, que deve ser depreendido, ou quando, em um artigo científico, o leitor precisa deduzir que certa conclusão se refere a um dado teórico apontado no parágrafo anterior. Preencher lacunas, assim, é fazer **inferências**.

Segundo Forneck (2015, p. 10), inferir é “[...] associar os dados linguísticos do texto, a situação comunicativa e os conhecimentos prévios do leitor para produzir sentido”. Ou seja, trata-se de completar os sentidos do texto, o que é um processo essencial para a sua compreensão. Quando, como no exemplo anterior, você depreende o sentido de uma palavra, está fazendo inferências, assim como quando relaciona as partes de um livro, constituindo o seu todo de sentido. As inferências estão relacionadas ao conhecimento prévio do leitor, mas não apenas no que concerne aos elementos textuais (considerando as formas linguísticas e a sua organização estrutural e argumentativa). Estão em jogo também o conhecimento prévio de mundo e o contexto situacional (que envolve tempo, espaço, objetivos de leitura) em que o leitor e o texto se encontram.

O terceiro ponto citado por Solé concerne às estratégias propriamente ditas para elencar os pontos mais significativos, de diferentes maneiras, de modo a avançar em conteúdo (compreender o texto) e retomar o percurso da leitura posteriormente. São ações pontuais do leitor objetivando uma leitura eficiente, isto é, aquela em que se dá a compreensão do texto lido. Aqui, você vai conhecer três estratégias básicas: as sublinhadas, os esquemas e os mapas conceituais. Inicialmente, contudo, você vai ver os parâmetros a serem seguidos na leitura como um todo.

O primeiro aspecto a ser relembrado é o objetivo da sua leitura. Um texto traz muitas informações; algumas você usará em um momento, outras, em outros, e algumas até mesmo podem nem ser necessárias. Se você tiver claro seu objetivo de leitura, vai ser mais fácil identificar o que é realmente importante e quais são os dados relevantes. Outra questão é que você não deve fazer uma leitura ingênua dos textos. Isso significa que deve manter certo grau de desconfiança em relação a tudo o que lê. Você deve continuamente se perguntar: o que o autor está dizendo? Quais são os seus argumentos?

Quais são os pontos mais relevantes para ele? A argumentação é consistente e bem fundamentada? Eu concordo com ela? Por quê? O que estou aprendendo de fato com o texto? Em suma, você nunca deve ter uma atitude passiva em relação a qualquer escrito. Vale destacar que isso não significa criar uma barreira, ser resistente a novas ideias ou formas de expô-las, mas manter uma postura atenta de questionamento, o que fará com que sua leitura seja mais produtiva.

Enquanto estiver lendo, relacione as partes do todo. Defina as hierarquias que eventualmente estejam expressas. Organizando os tópicos e os fundamentos do texto, você consegue ter uma visão mais clara dos objetivos, dos argumentos e do encadeamento lógico que o autor buscou construir. Tente, do mesmo modo, descobrir como o autor circunscreve seu texto em relação a outras obras. Com quem ele concorda? Com quem discorda? Qual é a linha que segue? Como essa linha se posiciona na área do conhecimento a que pertence? Se você se guiar por esses parâmetros, há uma grande chance de conseguir pôr em prática de modo eficiente as ferramentas básicas que vai conhecer a seguir.

Pode parecer primário lembrar a questão das **sublinhas**. No entanto, é bastante frequente que os estudantes não saibam a forma adequada de marcar o que leem e sublinhem praticamente os textos inteiros. Isso é inócuo, ou seja, não surte efeito algum, porque no final não será possível identificar o que de fato é relevante. Caso o sujeito precise retomar suas anotações, terá de reler tudo com a mesma atenção, porque não saberá o que, afinal, era o mais significativo daquele texto. Um dica para uma marcação eficiente é não sublinhar na primeira leitura. Se tiver disponibilidade de tempo, faça uma leitura inicial para localizar-se no texto e só então, em um segundo momento, faça as marcações. Por fim, procure usar lápis, pois pode mudar de ideia e, nesse caso, basta apagar.

A segunda técnica é a produção de **esquemas**. Um esquema é uma representação simples de algo — neste caso, de um texto —, por meio da qual você consegue perceber facilmente quais são os pontos principais de uma obra, além de sua estrutura e de sua organização. É evidente, portanto, que você não deve incluir detalhes menos importantes em um esquema, que, por definição, é sintético e funcional. Não há uma forma rígida de se fazer um esquema. Com a prática, você vai acabar descobrindo aquela

que mais o ajuda. As únicas regras a serem seguidas para elaborar um esquema são a concisão e o respeito às ideias do autor — sem adicionar informações que não estão na obra, das quais você lembrou por associação com o conteúdo lido.

A terceira técnica é a de elaboração de **mapas conceituais**. Lima (2004) explica que um mapa conceitual é uma ferramenta por meio da qual são organizados e representados os conceitos e as ideias relacionados a determinado assunto. A diferença fundamental entre um esquema e um mapa conceitual é que este último consiste numa representação “[...] com o conceito mais geral no início do mapa e depois os mais específicos, arranjados hierarquicamente”, de modo que há relações entre as partes, ou seja, “[...] os mapas conceituais apresentam referências cruzadas que permitem verificar como é representada a relação dos conceitos no domínio do conhecimento” (LIMA, 2004, documento *on-line*).



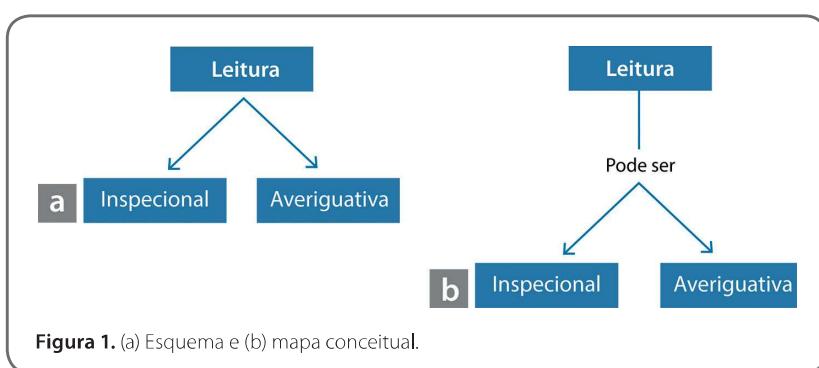
### Fique atento

Há algo realmente relevante em relação ao seu uso dessas ferramentas: você deve verificar se elas estão sendo efetivas, se estão funcionando para a fixação ou a organização de conteúdos. Para saber se isso está acontecendo, faça um teste: leia uma parte de um artigo — por exemplo, a metodologia —, faça sublinhas, um esquema e um mapa conceitual. Por fim, teste-os: leia o que escreveu e verifique se consegue retomar o percurso daquela parte do texto com que trabalhou.

Adler e Doren (2010) afirmam que, ao final de uma leitura em que houve compreensão, o leitor deve ser capaz de responder a alguns questionamentos sobre o texto. Tais perguntas objetivam formular uma percepção geral do texto. Portanto, você deve, ao final de uma leitura qualquer, conseguir definir: a qual gênero o texto pertence; sobre o que fala (os autores afirmam que você deve conseguir responder a essa questão em uma frase, não importa quanto extensa seja a obra); quais são as partes do texto e como elas se organizam; quais perguntas o autor se fez para escrever o texto; quais são as palavras

mais significativas do texto; quais são as frases mais significativas e as suas proposições, ou seja, que lógica elas estabelecem; quais são os argumentos mais importantes; e quais são as soluções que o autor apresentou para as perguntas que propôs.

Observe a Figura 1, a seguir. À esquerda, há um exemplo de esquema; à direita, de mapa conceitual. Ambos são bastante simples. A ideia é que você entenda as diferenças entre eles. Veja que, no mapa conceitual, existe uma relação estabelecida entre as partes.



**Figura 1.** (a) Esquema e (b) mapa conceitual.

## Leitura averiguativa na prática — análise textual

A seguir, você vai ver você uma breve análise, posto que as explicações acerca de interpretação e compreensão textual tendem a ser um tanto abstratas. Assim, considere um capítulo de uma obra clássica da linguística, o *Curso de Linguística Geral* (CLG), de Ferdinand de Saussure (Figura 2). Mais do que apenas um teórico da área de letras, Saussure foi o fundador da linguística. A ideia, aqui, é analisar o segundo capítulo da introdução da obra no escopo da leitura averiguativa.

**CAPÍTULO II**

**MATÉRIA E TAREFA DA LINGÜISTICA;  
SUAS RELAÇÕES COM AS CIÊNCIAS CONEXAS**

A matéria da Lingüística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer ser trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem corrente e a "bela linguagem", mas todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa às maiores vezes à observação, o lingüista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes.

A tarefa da Lingüística será:

- fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- delimitar-se e definir-se a si própria.

A Lingüística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados. Os limites que a separam das outras ciências não aparecem sempre nitidamente. Por exemplo, a Lingüística deve

ser cuidadosamente distinguida da Etnografia e da Pré-História, onde a linguagem não intervém senão a título de documento; distingue-se também da Antropologia, que estuda o homem somente do ponto de vista da espécie, enquanto a linguagem é um fato social. Dever-se-ia, então, incorporá-la à Sociologia? Que relações existem entre a Lingüística e a Psicologia social? Na realidade, tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas, como a troca de sons; e já que a Lingüística fornece à Psicologia social tão preciosos dados, não faria um todo com ela? São questões que apenas mencionamos aqui para retomá-las mais adiante.

As relações da Lingüística com a Fisiologia não são tão difíceis de discernir: a relação é unilateral, no sentido de que o estudo das línguas pede esclarecimentos à Fisiologia dos sons, mas não lhe fornece nenhum. Em todo caso, a confusão entre as duas disciplinas se torna impossível: o essencial da língua, como veremos, é estranho ao caráter fônico do signo lingüístico.

Quanto à Filologia, já nos definimos: ela se distingue nitidamente da Lingüística, malgrado os pontos de contato das duas ciências e os serviços mútuos que se prestam.

Qual é, enfim, a utilidade da Lingüística? Bem poucas pessoas têm a respeito idéias claras: não cabe fixá-las aqui. Mas é evidente, por exemplo, que as questões lingüísticas interessam a todos — historiadores, filólogos etc. — que tenham de manejar textos. Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a línguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas — consequência paradoxal do interesse que suscita — não há domínio onde tenha germinado idéias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros não são desprezíveis; a tarefa do lingüista, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível.

**Figura 2.** Segundo capítulo da introdução do CLG.

Fonte: Saussure (2006, p. 13–14).

Como você viu na seção anterior, para Solé (1998), o primeiro aspecto a se analisar seriam os objetivos de leitura. Suponha que você precise analisar esse texto para uma disciplina de introdução à linguística. Assim, fica assegurado o seu interesse em prosseguir a leitura. Quanto aos conhecimentos prévios relevantes para a compreensão do texto, é válido apontar que o CLG é o marco fundador da linguística. O texto foi publicado em 1916, após a morte de Saussure (que faleceu em 1913), e foi organizado por seu aluno Charles Bally e por Albert Sechehaye. O capítulo mostrado na Figura 2 pode ser caracterizado como um texto acadêmico, dirigido a outros estudiosos da linguagem. Mais precisamente, a origem da obra, como o seu próprio nome indica, são aulas de um curso de linguística dado por Saussure. A terminologia e a organização textuais não são um empecilho para a leitura, uma vez que, neste capítulo, o texto é direto e pontual.

A seguir, você vai acompanhar a análise propriamente dita do texto apresentado. O título do capítulo já deixa claro o seu objetivo: delimitar a matéria (no sentido de conjunto de fenômenos) e a tarefa da linguística.

Lembre-se de que se trata de um texto fundador, que, por isso mesmo, deve delimitar seu objeto. O primeiro parágrafo, que introduz o assunto, já traz uma informação importante sobre a matéria da linguística, que deve ser sublinhada: ela se refere a todas as manifestações da linguagem humana. A justificativa da necessidade dessa afirmação vem em seguida, quando é dito que não são apenas a “linguagem correta” — ou seja, a forma gramatical, padrão da língua — e a “bela linguagem” — isto é, a literatura — que devem ser consideradas. A relevância desse ponto é que, até aquele momento, somente essas duas manifestações da linguagem eram consideradas dignas de exame. Já fica clara aqui a relação de oposição entre o texto saussuriano e o pensamento corrente à época. O parágrafo encerra com a indicação da forma a ser usada nesse estudo tal qual proposto (o princípio da metodologia): o texto escrito, já que a linguagem (aqui, percebe-se, usada no sentido de fala) escapa “à observação”.

Em seguida, há uma estrutura de tópicos para especificar a tripla tarefa da linguística. Tal tarefa consiste primeiramente em “fazer a descrição” — isto é, estudar sincronicamente (em um momento temporal pontual e específico) — “e a história” — ou seja, estudar diacronicamente (em termos evolutivos, no decorrer de dado período de tempo) — das línguas. Em segundo lugar, a linguística deve procurar o que nela é “permanente e universal”, deduzindo suas “leis gerais” — ou seja, trata-se do escopo referente à gramática comparada, que estabelece as relações entre as diferentes línguas. Por fim, a última tarefa consiste em “delimitar-se e definir-se a si própria”, portanto, determinar seu objeto — mais uma vez, lembre-se de que isso ainda não havia sido feito.

Os três parágrafos seguintes são dedicados a mostrar as “relações bastante estreitas” que a linguística estabelece com outras áreas — dando a noção da localização da linguística dentro do universo das ciências humanas —, mas dizendo o que a diferencia dessas áreas, delimitando o seu fazer, o quê, como é apontado no texto, não aparece “nitidamente”. Os exemplos de diferenças já mostram a visão do autor sobre a linguística e a linguagem. Isso é notável, por exemplo, quando ele afirma que esta é “um fato social”, quando diz que “tudo é psicológico na língua”, o que significa que a língua de que fala Saussure remete às estruturas mentais, e não à sua manifestação concreta. Afinal, como se aponta no outro parágrafo, “o essencial da língua é estranho ao caráter fônico do signo linguístico” (SAUSSURE, 2006, p. 14).

No parágrafo de conclusão, há o fechamento da ideia do capítulo, que principia por meio da pergunta que retoma seu objetivo: “Qual é a utilidade da linguística?”. A resposta vem novamente por meio de uma relação de questões linguísticas que interessam a muitos, pois a linguagem diz respeito a todos, devido à sua importância, já que “constitui fator mais importante que qualquer outro”. Ao mesmo tempo, conclui-se, esse fato faz com que haja muitas “ideias absurdas, preconceitos, miragens, ficções”, e é exatamente aí que se coloca o papel do linguista: “denunciar e dissipar” tais erros. Daqui se deduz que “delimitar-se e definir-se” constitui a verdadeira tarefa da linguística — o que também é dedutível a partir do fato de que as outras duas tarefas já eram atividades constituídas naquele momento histórico (SAUSSURE, 2006, p. 14).

É importante que você releia essa pequena análise para perceber um aspecto bastante relevante: somente se consegue chegar às conclusões e deduções explicitadas devido às inferências. Estas são feitas a partir das informações fornecidas no texto, do conhecimento de mundo do leitor e das relações estabelecidas entre os dados do texto. Na Figura 3, observe como ficaria o texto sublinhado.

**CAPÍTULO II**

**MATÉRIA E TAREFA DA LINGÜISTICA;  
SUAS RELAÇÕES COM AS CIENCIAS CONEXAS**

A matéria da Lingüística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer ser trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa as maiores vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes.

A tarefa da Lingüística será:

- fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- delimitar-se e definir-se a si própria.

A Lingüística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados. Os limites que a separam das outras ciências não aparecem sempre nitidamente. Por exemplo, a Lingüística deve ser cuidadosamente distinguida da Etnografia e da Pré-História, onde a língua não intervém senão a título de documento; distingue-se também da Antropologia, que estuda o homem sómente do ponto de vista da espécie, enquanto a linguagem é um fato social. Dever-se-ia, então, incorporá-la à Sociologia? Que relações existem entre a Lingüística e a Psicologia social? Na realidade, tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas, como a troca de sons; e já que a Lingüística fornece à Psicologia social tão preciosos dados, não faria um todo com ela? São questões que apenas mencionamos aqui para retomá-las mais adiante.

As relações da Lingüística com a Fisiologia não são tão difíceis de discernir: a relação é unilateral, no sentido de que o estudo das línguas pede esclarecimentos à Fisiologia dos sons, mas não lhe fornece nenhum. Em todo caso, a confusão entre as duas disciplinas se torna impossível: o essencial da língua, como veremos, é estranho ao caráter fônico do signo lingüístico.

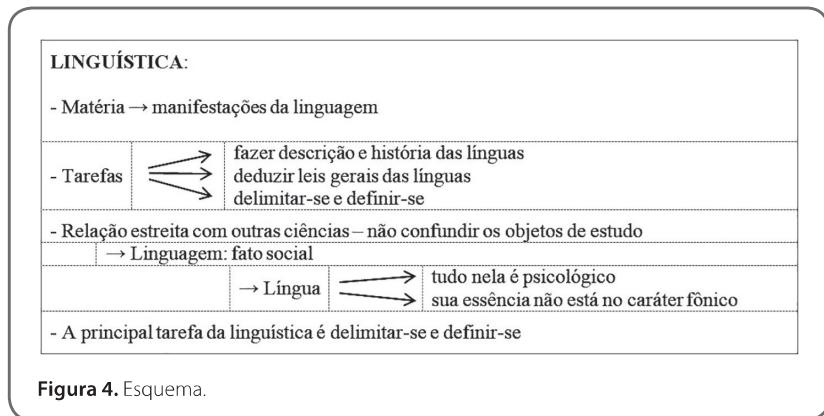
Quanto à Filologia, já nos definimos: ela se distingue nitidamente da Lingüística, malgrado os pontos de contato das duas ciências e os serviços mútuos que se prestam.

Qual é, enfim, a utilidade da Lingüística? Bem poucas pessoas têm a respeito idéias claras: não cabe fixá-las aqui. Mas é evidente, por exemplo, que as questões lingüísticas interessam a todos — historiadores, filólogos etc. — que tenham de manejar textos. Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a línguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas — consequência paradoxal do interesse que suscita — não há domínio onde tenha germinado idéias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros não são desprezíveis; a tarefa do linguista, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível.

**Figura 3.** Segundo capítulo da introdução do CLG sublinhado.

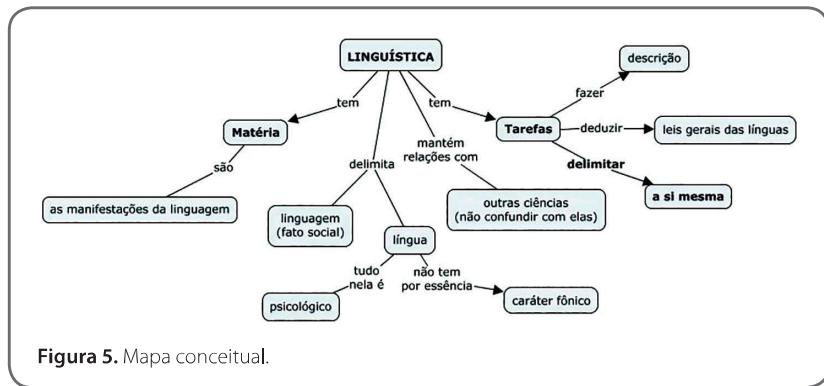
Fonte: Adaptada de Saussure (2006).

Na Figura 4, a seguir, veja um esquema possível a partir da leitura.



**Figura 4.** Esquema.

Por fim, na Figura 5, veja um mapa conceitual construído com base na análise do texto.



**Figura 5.** Mapa conceitual.

Cada pessoa acaba descobrindo, com a prática, a melhor forma de estudar e as ferramentas que considera mais adequadas. O importante é você conhecer os recursos disponíveis para fazer as suas escolhas.



## Referências

- ADLER, M. J.; DOREN, C. van. *Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente.* São Paulo: É Realizações, 2010.
- FORNECK, K. L. et al. *Um click na leitura: objetos virtuais de compreensão textual.* La-jeado: Univates, 2015.
- KINTSCH, W.; RAWSON, K. Compreensão. In: SNOWLING, M.; HULME, C. (org.). *A ciência da leitura.* Porto Alegre: Penso, 2013.
- LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura.* Porto Alegre: Sagra – D C Luzzatto, 1996.
- LIMA, G. A. B. O. Mapa conceitual como ferramenta para organização do conhecimento em sistema de hipertextos e seus aspectos cognitivos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 9, n. 2, mar. 2004. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/355/164>. Acesso em: 28 set. 2019.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.). *Gêneros textuais e ensino.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SOLÉ, I. *Estratégias de leitura.* 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

## Leituras recomendadas

- BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://qrgo.page.link/i7SM5>. Acesso em: 29 set. 2019.
- ELSEVIER. *Science direct.* [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <https://qrgo.page.link/ykUG6>. Acesso em: 29 set. 2019.
- ELSEVIER. Scopus. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <https://qrgo.page.link/PumuN>. Acesso em: 29 set. 2019.
- PORTAL DE BUSCA INTEGRADA. São Paulo: USP, 2019. Disponível em: <https://qrgo.page.link/CgxQm>. Acesso em: 29 set. 2019.
- SCIENCE.GOV. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <https://qrgo.page.link/Aumgq>. Acesso em: 29 set. 2019.

**Encerra aqui o trecho do livro disponibilizado para  
esta Unidade de Aprendizagem. Na Biblioteca Virtual  
da Instituição, você encontra a obra na íntegra.**

Conteúdo:

